

# Vida útil? Temporalidade e espacialidade contemporâneas na arquitetura

Stephanie Corrêa Marques

Orientador: Prof. Dr. João Masao Kamita (PUC-Rio).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, PUC-Rio, 2017.

No presente “contemporaneizado”<sup>1</sup> de dissentimentos e sobreposições constantes de valores, a obsolescência é característica assídua. Ao mesmo tempo, a concepção clássica do termo arquitetura, tradição dominante no Ocidente desde o Renascimento, implicaria estabilidade e solidez. Evidentemente, há uma tensão

entre essas duas práticas. Ou, ao menos, entre o pacote da concepção do projeto arquitetônico, estático e totalizante — estrutura, planta, corte, fachada — e o efervescente presente. Mas, em um momento em que as relações são predominantemente transitórias, como conceber os atuais “limites” da arquitetura?

## Lifespan? Contemporary temporality and spatiality in Architecture

In the contemporary present of dissent and constant overlapping values, obsolescence is an assiduous characteristic. At the same time, the classical concept of the term Architecture, dominant in the Western since Renaissance, implies stability and solidity. Clearly, there is a tension between these two practices. At least between the concept of the architectural project package, static and totalizing — structure, plan, section, facade — and the effervescent present. But at a time in which relationships are predominantly transient, how to conceive current “limits” of architecture?

## ¿Vida útil? Temporalidad y espacialidad contemporánea en la arquitectura

En el presente contemporáneo de disidencia y constante superposición de valores, la obsolescencia es una característica asidua. A la vez el concepto clásico del término Arquitectura, tradición dominante en el Occidente desde el Renacimiento, implicaría estabilidad y solidez. Evidentemente hay una tensión entre esas dos prácticas. Al menos entre el paquete de la concepción del proyecto arquitectónico, estático y totalizador — estructura, planta, sección, elevación — y el presente efervescente. Pero, en un momento en que las relaciones son predominantemente transitorias, ¿cómo concebir los actuales “límites” de la arquitectura?

A temporalidade é a chave macro de leitura para este texto. É importante ressaltar que não se pretende ter a temporalidade como uma definição generalizante dos processos contemporâneos. Na investigação da condição atual da contemporaneidade, ela é um indicativo da natureza da multiplicidade e simultaneidade desses processos. Esses, por sua vez, inviabilizam grandes explicações como as do início da modernidade. A ideia de quebra de um discurso abrangente, as metanarrativas, em pequenos relatos é descrita pelo filósofo francês Jean-François Lyotard como a nova forma de distribuição e legitimação do saber no tempo que se quer "pós-moderno" (LYOTARD, 1979). Na era da conectividade, as informações individuais se espalham e se sobrepõem ao mesmo tempo, impossibilitando uma leitura total e permanente (agora fragmentada e temporária). A atualização ininterrupta de pequenos discursos espalhados alimenta a simultaneidade.

Se a chave macro de leitura no trabalho orbita pela temporalidade, a ótica da pesquisa que originou esse ensaio é a "crise". Esta é congênita à modernidade, na medida em que a lógica da ruptura prevalece em relação à continuidade histórica. No entanto, concebemos a noção de crise não com uma conotação de decadência ou enfraquecimento, mas sim como processo dialético que simultaneamente suscita a necessidade de um novo começo, que carrega o sentido de um estado de incerteza ou ruptura em relação às escolhas anteriores. É a crise que impulsiona de forma permanente e continuamente os questionamentos que desenvolvem a história do homem moderno até a chegada da "crise da crise" — conceito a ser desenvolvido ao longo do texto —, que abre as portas para o nomeado contemporâneo. A "crise" é da crise na medida em que não aponta o novo, não indica progresso ou sentimento otimista pelo futuro.

O estatuto convencional da arquitetura a mantém afastada do que é obsoleto, agarrando-se à perenidade ansiada, evitando se tornar mercadoria para descarte. A obsolescência<sup>2</sup>, porém, nunca esteve mais evidente. Ela é fundamental ao capitalismo. Na básica progressão do dinheiro (money = M) transformado em *commodities* (C) para venda, o dinheiro

transforma-se em mais dinheiro para fabricar mais *commodities*, assim, o que é velho deve abrir passagem para o novo. De outra forma, todo o processo de acumulação desmoronaria. Porém, quando toma a forma de arquitetura, o processo é estranho, já que o descarte não é tão simples nem tem o mesmo significado que "bens de consumo". "No 'M — C — M' arquitetônico, C não necessariamente tem que desaparecer para o reinvestimento tomar lugar" (ABRAMSON, 2016, p.6, tradução nossa).

A sociedade ocidental manteve o mesmo *status* de produção de bens, sem nenhum crescimento significativo. Com o advento da Revolução Industrial, fica mais evidente a mudança radical a respeito de uma demanda, aparentemente inexistente até então, motivada pelo aumento de uma oferta que impulsionava o crescimento do mercado consumista. O comércio passa a dar, em tempo real, as engrenagens necessárias para o Estado cumprir na prática a prosperidade nacional. Todavia, a forma de gerar riqueza para a nação era assegurando uma alta demanda por bens e, em sua maioria, não essenciais. Uma nova gama de produtos passa a ser comercializada — bens que não possuíam em si necessidade vital, mas possuí-los tornou-se necessidade. Para a produção desses itens foram criadas indústrias, gerando empregos, especializações e avanços tecnológicos (SMITH, 1984). Uma nação mais rica oferece um conforto ao seu povo desconhecido anteriormente, mas altamente exigido a partir deste momento. É um conforto que vai além de questões físicas e ergonômicas. Também não está diretamente associado com a subjetividade da empatia, comodidade e proteção. Mas parece se basear no luxo. Possuir pelo impulso de acumulação — uma posse de *status*. Um grande ciclo de "consumo-produção-riqueza" se iniciava e o mercado impulsionava o aumento do ritmo dos processos de produção de bens para manter o crescimento de riqueza. O ciclo de consumo gira cada vez mais rápido, em ascendência, em que é necessário comprimir o tempo para acelerar sua manutenção.

Inaugura-se, a partir da Revolução Industrial, uma nova fase para modificação gradual sobre a percepção do tempo e da

experiência. Essa mudança da percepção se imprime de forma tão radical que a linguagem — em suas semânticas — passa a adquirir novas significações. É possível que a abertura dos sentidos aliado às diferentes narrativas históricas seja uma das causas da não unanimidade semântica entre as disciplinas. Não existe um consenso cronológico que dê razão às semânticas. A modernidade, pós-modernidade, contemporaneidade, presente amplo, atualidade, tem seu caráter particular às cronologias da arte, história, filosofia, arquitetura e assim por diante. Analisar a mudança da percepção causada pela aceleração é um exercício que auxilia a compreensão da experiência do tempo. Como esclarece o historiador Reinhart Koselleck: "Desde que a sociedade atingiu o desenvolvimento industrial, a semântica política dos conceitos envolvidos no processo fornece uma chave de compreensão sem a qual os fenômenos do passado não poderiam ser entendidos hoje." (KOSELLECK, 2006, p.103).

De forma mais visível, a contar do fim do século XVIII, a velocidade se transfere para a vida cotidiana. O crescente número de automóveis — a vapor, em princípio — afeta as edificações, as cidades (e o crescimento delas) e a percepção de quem as habita. Nos séculos seguintes, com a massificação do automóvel pessoal, a garagem se torna um novo elemento da programação da arquitetura. As ruas e calçadas são repensadas na lógica do veículo que se movimenta em um fluxo de novas possibilidades de perceber a paisagem urbana. Uma velocidade diferente que significa, paralelamente, menos tempo para captar contrastes e detalhes da metrópole<sup>3</sup>. O plano Haussmaniano de Paris levou o poeta a lamentar que "a cidade muda mais rápido que o coração de um mortal" (BAUDELAIRE, 1876, n.p., tradução nossa). Essa crescente impermanência e mutação, que reestrutura, outra vez e uma vez mais, *ad infinitum*, seria mais bem percebida no século XX como um entendimento do novo normal (ABRAMSON, 2016).

A industrialização, aliada a eclosão de novas tecnologias, impulsionou o uso de materiais em métodos inéditos na construção das cidades e suas edificações. Convergiu ainda com a urbanização num numeroso movimento de migração

campo-cidade. Para atender à demanda da agitação urbana, a indústria forneceu ferramentas, e a arquitetura se submeteu aos requisitos funcionais e econômicos; assim, o caminho para a standardização foi aberto. Seguindo as estruturas de ferro, a redescoberta do concreto armado, naquele instante industrializado e massificado, provocou mudanças profundas não só na concepção arquitetônica, mas nos canteiros de obras, no tempo de execução, nos modos de uso e nas experiências dos indivíduos.

A distância histórica torna os efeitos de certos fenômenos quase invisíveis ao indivíduo contemporâneo inadvertido. Pode-se tomar, por exemplo, a luz elétrica, que substituiu os lampiões a gás e que, por sua vez, já substituíam a luz da lua. A iluminação artificial, na lógica do processo industrial, anuncia uma nova relação abstrata entre o tempo e o cotidiano, que independe das temporalidades cíclicas da natureza. O acesso à eletricidade permitiu estender a vida cotidiana urbana até horários avançados e mudou o ritmo da rotina, e conseqüentemente a percepção sobre os lugares, mas também a utilização e o valor dos espaços. O elevador elétrico, novidade do final do século XIX, confere novo valor e hierarquia aos pavimentos superiores que, até alguns anos antes, era o espaço do artista ou das famílias mais pobres apinhadas. Aliado à construção em aço e apoiado na lógica do lucro, o elevador elétrico deu novas alturas às edificações e, por conseguinte, empurrou a concepção de novos programas arquitetônicos.

Nos momentos conseguintes às revoluções da indústria, a rápida mutação de técnicas, produtos e, conseqüentemente, do conhecimento, obrigou a uma reorientação contínua. O homem racional, científico e esclarecido é a centralidade que substituiu os antigos pilares da cultura do Ocidente: a religião e a nobreza. Se o fundamento que construiu e ordenou o pensamento ocidental durante tantos séculos morreu, uma ansiedade torna-se parte das reflexões no mundo; os valores são descreditados e o sentimento de incerteza se instaura progressivamente.

A "crise" — o novo — é a força motriz da ideologia do progresso, típica desde o século XVIII até o século XX, atingindo, dessa forma, o Modernismo. A filosofia das Luzes teria descoberto na noção de

uma marcha — contínua — para a verdade a melhor imagem para sustentar um otimismo histórico. A comutação de mentalidade consequente da contestação que a crise fornece, nesse momento, dá ao homem racional o poder sobre o futuro. Os objetivos estão posicionados no horizonte para serem alcançados pelo intelecto. Esse deslocamento da marcha do progresso em busca das finalidades precisava do combustível científico. O conhecimento e o progresso vão se retroalimentando e, por consequência, acelerando-se. Novas técnicas estimulam o progresso, que estimula novas técnicas, que estimulam o progresso. A ideia de progresso, embasada no conhecimento científico, apontava uma finalidade objetiva, tendo o homem como foco articulador para alcançá-la em diferentes áreas do conhecimento, com finalidades distintas, mas cada uma indicava seu objetivo: para Karl Marx, por exemplo, o comunismo; para a ciência, a tecnologia; para o Iluminismo, a consciência racional. Até mesmo para o anarquismo, o objetivo de não ter um projeto dominador. E, para a arquitetura, salvar o mundo.

No campo da modernidade arquitetônica, a assimilação poética do transitório, diferentemente da arte, foi problemática. Le Corbusier não teve, em suas proposições, uma relação confortável com essa ideia de movimento, mudança e rapidez que a crescente indústria propunha. Fora aceita parcialmente por ser o imperativo dos tempos modernos, mas à arte ainda ficava a responsabilidade pelos valores eternos. A lógica do movimento abria estradas e dava espaço para o automóvel, símbolo da modernização. A infraestrutura da cidade deveria ser repensada para dar lugar ao imperativo do fluxo dos veículos, determinando e limitando seus espaços. Mas esse fluxo de velocidade funcionava mais como um regulador do que um elemento construtor do espaço urbano e das arquiteturas tangenciadas por ele. A Bauhaus teve uma leitura um pouco mais fluida na valorização da máquina, da industrialização. Abraçou de forma diferente a poética da velocidade na produção. Ainda assim, o mundo que se apresentava já em processos constantes e ininterruptos precisava de instantes de estabilização. Talvez a maior aproximação com a velocidade na sociedade moderna tenha sido manifestada na arquitetura de

Mies van der Rohe. A fluidez e a diluição dos limites edificados começam a indicar uma aceitação da ideia de fluxo permanente, que se faz visível nas superfícies translúcidas, na indeterminação de começo ou fim e nos poucos obstáculos para a visão alinhados e minimizados. Também prediz a possibilidade de uma outra espécie de domesticidade, cada vez menos pautada na exclusividade da esfera privada.

A arquitetura e o urbanismo modernistas pretenderam fazer uma leitura da totalidade e, sistematizando as respostas possíveis, solucionar os problemas em todo seu espectro. Todavia, o indivíduo padrão do modernismo começava a perceber seu entorno numa qualidade de tempo distinta. A velocidade apressa a chegada à finalidade, mas ao mesmo tempo diminui a aterrissagem da experiência. Desde quase meio século antes da chamada arquitetura moderna, como Jonathan Crary pontua, a sociedade já indicava indícios do "colapso dos modelos clássicos de visão e seu espaço estável de representações" (CRARY, 2012, p.32). A mudança de percepção da parte do observador foi rapidamente notada pela arte (ou provocada por ela?) ainda no século XIX. O Impressionismo acolheu logo a dinâmica industrial moderna, absorveu o movimento, a lógica do instante e assimilou inclusive formulações científicas. O movimento, a fluidez e a rapidez que o avanço científico proporcionava era retratada sem pretensão de falar da imagem do "real". Conforme esclarece Crary, em seu estudo sobre a história da percepção na modernidade, no século XIX, as pinturas passaram a ser produzidas como um dos possíveis elementos consumíveis em meio ao caos de mercadorias, imagens e estímulos. "O observador era identificado como *flâneur*, consumidor móvel de uma sucessão incessante de imagens ilusórias" (CRARY, 2012, p.30-31). Essa massificação de imagens a serem consumidas encaminha o observador para uma "crise de assimilação"<sup>4</sup>. Ainda assim, a modernização capitalista, que ao mesmo tempo elimina o campo da visão clássica, criou "técnicas para impor uma atenção visual mais acurada, racionalizar a sensação e administrar a percepção. Trata-se de técnicas disciplinares [...] que jamais permitiram que um mundo real adquirisse solidez ou permanência." (CRARY, 2012, p.32).

Após a Segunda Guerra Mundial, a crise do moderno se apresenta. A guerra evidencia a instabilidade, pois torna a estabilidade irreconhecível. A função da ideologia e da autoridade passa a ser desacreditada e temida. Montar, desmontar. Construir e transformar. Para a máxima de Louis Sullivan, "a forma segue a função", o que acontece com a forma se a função é imprevisível? A natureza totalizadora do moderno começa a se enfraquecer pela impossibilidade de ter um conjunto de princípios imutáveis como resolução da situação devastadora do pós-guerra. As cidades e seus habitantes não são os mesmos. Em resposta à voz totalitária, distintas vozes se pronunciam. Algumas absorveram a total instabilidade e imprevisibilidade. O metabolismo japonês suspeitou das leis tradicionais de forma e função e apresentou a ideia da cidade do futuro caracterizada pela grande escala, estruturas flexíveis e extensíveis, abraçando a lógica da substituição. Paralelamente, as visões experimentais do grupo inglês *Archigram* sugeriam um modo de vida regido pelo fluxo e, sobretudo, uma libertação da resposta modernista dos subúrbios. Yona Friedman, na concepção de *Ville Spatiale*, queria o mobile e o improvisado contínuo. Aldo van Eyck propunha, em um orfanato para a cidade de Amsterdam, a quebra da hierarquia e a não-limitação. Em paralelo, os Situacionistas procuravam reexperimentar o mundo e não definir metas para ele:

As coletividades do passado ofereceram às massas uma verdade absoluta e exemplos míticos indiscutíveis. A entrada da noção de relatividade no espírito moderno permite suspeitar do lado experimental da próxima civilização. (GILLES, 1958, p.16).

Em contrapartida, simultaneamente, outras vozes encontravam na arquitetura o meio para escapar da fugacidade. O brutalismo situava na permanência sua concretude. Havia ainda o preservacionismo histórico revivido, a reutilização adaptativa e a gentrificação — logo estratificação — em todo o mundo desenvolvido, juntamente com o pós-modernismo de Louis Kahn e Aldo Rossi. Como Lyotard explicita em seu livro "A condição pós-moderna", os "meta-relatos" construídos pelo progresso

científico (afirmando-se verdadeiros dentro do conhecimento científico), pela filosofia hegeliana ou pelo marxismo — ideais pautados em universalidade e totalidade — começam a ser desconstruídos. Isso fragmenta os grandes saberes, de finalidades previsíveis e únicas, centrados no grande sujeito moderno, em pequenos relatos dos muitos indivíduos pós-modernos. O filósofo francês utiliza a metáfora do "jogo", proposta por Ludwig Wittgenstein. Aplicada à filosofia da linguagem, os jogos são os significados que se tentam transmitir por meio das palavras, mas que são mais amplos que aquilo que a palavra consegue conter. A compreensão e validade da expressão de um indivíduo depende dos critérios do outro. Um dos pontos que leva ao questionamento da legitimidade dos grandes relatos é que ela não poderia ser contestada por algo que não seja si mesmo. A Ciência, por exemplo, não se permite ser contestada por nada além da própria Ciência. Mas quando os critérios de legitimação se tornam a eficiência e o sucesso, o saber é transformado em mercadoria, já que o que importa é a produtividade, o rendimento e a performance. Diante da relativização de ideais, a verdade não importa tanto se esses forem eficientes. No momento pós-moderno, para comprovar a pertinência do "jogo", o critério não é mais a verdade ou a justiça e sim a eficiência<sup>5</sup>.

Quando o critério de verdade passa a ser o desempenho, a ciência (e os saberes) se torna cativa do capitalismo. Ainda que as configurações da sociedade sejam alteradas, o capital se adapta, entende as demandas frescas e se molda. Significa que, nessa transição, a lógica do consumo mudou e o mercado rearranjando-se rearranjou para acompanhá-la. A pesquisadora Cristiane Marinho esclarece essa comutação da atividade do capital:

Observemos que os grandes ideais da modernidade eram compatíveis com um capital em sua ascendência histórica e em busca de sua expansão territorial, que se apresentava com validade universal para estabelecer sua própria legitimidade e realizar seus intuitos de ampliação e acumulação. Diversamente, um capital em crise estrutural que busca sua reprodução pela produção destrutiva só pode favorecer e ser favorecido num mundo fragmentado, de valores efêmeros. (MARINHO, 2008, p.18-19).

A lógica da produção é levada ao extremo e os produtos passam a ter duração limitada. Ainda que a condição da mercadoria já fosse de perecibilidade<sup>6</sup>, há hoje um exponente crescimento da sociedade de consumo e a obsolescência elevada à máxima. Chega-se a questionar se o próprio conceito de mercadoria, em sua condição de produto, já não é obsoleto. Os produtos industriais são muito lentos na lógica do tempo contemporâneo condensado. Para que esse consumo não fosse freado, a lógica capitalista logo entendeu que não poderia haver nenhum princípio de estabilização. Uma ordem duradoura, um trabalho de muitos anos, um produto que não se renova se torna monótono. O mesmo princípio recai sobre os valores, as opiniões e os princípios. Nada pode ser totalmente ou eternamente aplicável. Para isso, a relativização total foi programada. E pela necessidade de atualização constante da "sociedade do espetáculo" a imagética substitui o produto.

Com o advento de uma rede de alcance mundial — a internet — adiciona-se uma nova camada às condições já citadas: a simultaneidade. Agora é possível uma participação global realizada ao mesmo tempo, uma globalização levada ao extremo. As informações e processos acontecem de forma instantânea e em ritmo acelerado, impossibilitando sua própria maturação. Um atropelamento de informações em um tempo muito curto. Mal foram entregues e já aguardam a reposição de estoque. Não permitem diálogo ou debate (no sentido clássico do termo). Como toda mudança pode ser instantânea, não é possível gerar consenso.

Na sociedade e na cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna, a questão da legitimação do saber coloca-se em outros termos. O grande relato perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe é conferido: relato especulativo, relato da emancipação, pois eles sofrem um processo de deslegitimação. (LYOTARD, 2004, p.69).

De acordo com as ideias de Lyotard, quando alguém ou algo se legitima, emite conclusões de si mesmo, sendo impossível

comprovar sua realidade. Ao mesmo tempo, pela não possibilidade de legitimação, todo e qualquer discurso se faz verdadeiro. Ao invés do consenso, prevalecem os interesses individuais, e podem surgir muitos outros e simultâneos. "Tem-se aí um processo de deslegitimação cujo motor é a exigência de legitimação" (LYOTARD, 2004, p.71). Aí está a "crise das crises". Num mundo cheio de perguntas, novas perguntas chegam sem a pretensão de responder as anteriores. O questionamento, ou a incerteza, não gera uma mudança de perspectiva, mas sim outras incertezas. O indivíduo contemporâneo está "enredado no universo online, impulsionado pelo ritmo *non-stop* e pressionado pela vida *on-demand*." (CAPISTRANO, 2012, p.5)<sup>7</sup>.

Em 2010, o Google criou um auxiliar de busca chamado *Instant*, que faz com que os resultados de busca sejam exibidos a cada letra digitada. Antes do recurso, uma pessoa levava, em média, mais de nove segundos para digitar um termo de busca. O Google afirma que a ferramenta poupa entre dois e cinco segundos na busca, e que se todos no mundo usassem o *Google Instant*, seriam economizados 3,5 bilhões de segundos por dia, no total. Impressionante. A vice-presidente de produto de busca e experiência do usuário chamou o recurso de "pesquisa na velocidade do pensamento". A percepção do tempo vem sendo profundamente alterada com o aumento da velocidade dos processos. Não é sequer necessário tomar uma grande distância histórica para comparar o acesso à informação e as mudanças desse contexto. Em pouco mais de uma década, migramos da opção das enciclopédias de meio metro na estante de livros das bibliotecas para as ferramentas de busca *online*, portáteis e acessíveis na ponta dos dedos a qualquer instante.

A pesquisadora Carmen Leccardi, em um estudo sobre as mudanças sociais e a relação com o tempo, afirma: "Inexiste, nessa concepção do tempo, a ideia de futuro a longo prazo — para além do que ocorre no imediatismo do ambiente circunstante." (LECCARDI, 2005, p.39). Na "falta de um futuro almejado", cai por terra a ideia de progresso e também a de finalidade. Isso gera demandas antes desconhecidas à arquitetura e à cidade. Teresa Sá, em uma leitura sobre a obra de Marc Augé, acrescenta:

O desejo de tudo fazermos em um período de tempo cada vez mais curto, de não perdermos nada do que se passa já não só à nossa volta, mas também no mundo, não permite a vida nos espaços físicos que ocupamos. Os espaços físicos transformam-se em meios que possibilitam a interação no espaço virtual: nunca estamos onde estamos fisicamente. (SÁ, 2014, p.212).

A arquitetura e a cidade são tradicionalmente associadas à ideia de permanência, mas hoje são afetadas involuntariamente por outras camadas da realidade social. A demanda do efêmero (seja ele traduzido em obsolescência dos produtos, de valores, de símbolos, de usos, de informação ou em transitoriedade e temporalidade) é corrente. Esta mesma demanda tem modificado a experiência do espaço. Não significa que a arquitetura e as cidades irão acabar. A estrutura física está se transformando, não em sua materialidade, mas no que está se processando nela.

Não é mais imprescindível criar um vínculo com o lugar físico. A simples e descompromissada passagem por um lugar, sem demandar sua permanência, pode criar relação com o *locus* em um só clique. E indo além, o indivíduo nem precisa estar presente fisicamente para se apropriar da experiência, já que ela pode ser virtual. Isso também indica uma forma de utilização da cidade que independe muito da estrutura construída e fixa. É sintoma da efemeridade atual, porque a forma de fixação de décadas atrás mudou, o mundo está mais acessível, mais rápido e mais superficial. Como pontuou Rem Koolhaas, em entrevista para a Bienal de Berlim de 2016, "não há quase nenhuma lealdade a um lugar na cultura digital. O lugar está sempre mudando." (KOOLHAAS; OBRIST, 2016, n.p., tradução nossa)<sup>8</sup>.

Se o vínculo e a fixação deixam de ser cabais, pode-se abrir espaço para uma discussão em relação a uma arquitetura que está fundada na terra? Novos programas, novas demandas, novas experiências. Ou seria a crise dos programas uma demanda ilimitada e uma experiência iminente?

A velocidade afeta os sentidos, a sensibilidade, a percepção humana e, por

consequente, a experiência. As artes responderam à aceleração: o neo-impressionismo, com admissão da mudança de percepção em função do movimento; a *pop*, com a ironia e angústia do consumismo; a *land art*, na qual a temporalidade é elemento da obra. Enfim, as artes moderna e contemporânea sempre confrontaram sua própria condição de instabilidade. Por que a arquitetura sente dificuldade em se aproximar do que é momentâneo, temporário, passageiro, indefinido, incerto, se esse é o cenário social do momento atual? A efemeridade não está apenas nos atos de montar e desmontar ou de se fazer móvel, mas também, e ainda mais, na abertura para outras possibilidades não determinadas (ou determinantes).

De acordo com o historiador Johann Gustav Droysen, citado por Koselleck (2014)<sup>9</sup>, espaço e tempo seriam registros da percepção. Sendo assim, o significado deles é moldado pela concepção do indivíduo que os percebe. Koselleck acrescenta que existe uma continuidade na formação dessa percepção. Ela é diacrônica. Existe, dessa maneira, uma relação recíproca entre espaço e tempo. No presente da vida informatizada<sup>10</sup>, as sobreposições de informações que chegam a todo instante deixam claro a instabilidade da percepção. Paralelamente, não significa que não há posicionamentos, caso contrário seria uma percepção unicamente passiva. Existem pontos de estabilidade e, talvez, as arquiteturas sejam alguns deles. Mas em seguida, "a velocidade transforma ponto em linha"<sup>11</sup> (VIRILIO, 1995 apud DELEUZE; GUATTARI, 2017, p.36). Parece possível decidir uma forma de percepção? Ou ainda, invalidar outras maneiras de concepção do espaço e do tempo?

Em realidade, tudo que foi escrito até esse parágrafo está passível de oposição. O trabalho continua em construção, portanto, é provisório. E, se não esgota o tema, segue aberto para questionamento. Pode ser que a arquitetura tradicional seja sim ultrapassada, mas se torne, por fim, uma forma de resistência ao tempo fugaz. Ela se assume como ponto de estabilidade em meio à turbulência atual. Reestabelecendo suas convenções, sua condição de *firmitas* é o que ainda impede que tudo que é sólido desmanche no ar<sup>12</sup>. Pode ser que as arquiteturas e cidades passem a ser fabricadas sob a lógica

paramétrica — obedecendo a parâmetros que verificam as mudanças e geram padrões também sujeitos a modificação. Ou ainda a lotação do mundo com arquiteturas genéricas sujeitas ao consumo de massa, afinal tudo está fadado à globalização. Porém, no tempo e no espaço deste texto, a percepção que se constrói não tenta enxergar a disciplina como reguladora ou fornecedora de respostas.

A arquitetura é o mais simples meio de articular o tempo e o espaço, de modular a realidade, de fazer sonhar. Não é somente sobre articulação e de modulação plásticas, expressão de uma beleza passageira. [...] A arquitetura de amanhã será, portanto, um meio de modificar as atuais concepções de tempo e de espaço. Será um meio de conhecimento e um meio de agir. (GILLES, 1958, p.16).

Apesar da confiança na utopia, esse trecho publicado em 1958 pela *Internationale Situationniste* contém um elemento que parece muito adequado para o tempo presente: arquitetura como “meio de”. Não protagonista, mas um suporte. Um meio de sustentar outras narrativas. Menos condicionante e sem autoridade para invalidar as outras possibilidades. É uma outra arquitetura, não necessariamente melhor. Sua vida útil não está mais ligada a sua utilidade, mas à percepção de muitos tempos possíveis em seus espaços.

---

## NOTAS

1. Caracterizando uma apropriação do tempo pelo que se refere atual, mas que vive na iminência de se tornar outro. Neste trabalho as concepções se baseiam no contemporâneo conhecido, mas que certamente mudará. O tempo já se faz contemporâneo, no entanto, para quem o percebe. No caso desse excerto, o tempo esteve em julho de 2017, por ocasião do Trabalho de Conclusão de Curso da autora.
2. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, realizada em 2014, indicou a duração de equipamentos até sua substituição. Na época, os brasileiros trocavam de celular em menos de 3 anos de uso, sem antes recorrer à assistência técnica.
3. A rapidez também é percebida no próprio tempo de construção de edificações. Se compararmos a catedral gótico-renascentista Santa Maria del Fiori com a Ópera Garnier, ambas têm dimensões relativamente aproximadas. Porém, a catedral, cuja construção se iniciou em 1296, levou seis séculos para ser completamente finalizada. Enquanto o edifício parisiense levou menos de uma década, sendo

inaugurado em 1875 (data próxima à conclusão total da igreja). Tecnologia, avanço da indústria, movimento de capital e uma nova classe operária são elementos que tratam as grandes mudanças sociais ocorridas na chamada Revolução Industrial.

4. Jonathan Crary pontua a postura do observador em crise citando a posição do filósofo Friedrich Nietzsche em *The Will to Power*, de 1967. (CRARY, 2012).
5. “São estes, pois, os jogos (que o filósofo L. Wittgenstein chama de “jogos de linguagem”) cuja pertinência não é nem o verdadeiro, nem o justo, nem o belo, etc., mas o eficiente.” (LYOTARD, 2004, p.80).
6. Tal qual já definia Marx em “O Capital”, de 1867.
7. Tal como sugere Tadeu Capistrano sobre “Técnicas do Observador” de Jonathan Crary (CRARY, 2012).
8. O trecho original: “*There’s hardly any loyalty to a place in digital culture. Place is always shifting*”. (KOOLHAAS; OBRIST, 2016, n.p.).
9. Koselleck, ao citar Droysen, adiciona a interpretação de que as concepções de espaço e tempo são preenchidas empiricamente (KOSELLECK, 2014).
10. Vito Acconci, em ensaio sobre a formalização do espaço público, escreveu *Public Space in a Private Time*. Ele inicia o texto comentando de forma poética, quase pitoresca, a passagem do analógico para o digital em sua maneira de experimentar o tempo. Ele conclui deixando uma impressão sobre o caos da sobreposição de vozes, os “pequenos relatos”, ilustrado através das músicas. E, ainda, da possibilidade delas — as músicas — imprimirem informação no espaço, mesmo em sua não-fiscalidade. Todas simultaneamente. (ACCONCI, 1990).
11. Paul Virilio sobre a perturbação da percepção pela velocidade.
12. Em sua introdução à obsolescência, Abramson (2016) aborda essa máxima escrita por Karl Marx e Engels como caracterização da modernidade capitalista. Em contrapartida, estaria a estabilidade arquitetônica.

---

## REFERÊNCIAS

- ABRAMSON, Daniel M. **Obsolescence: An Architectural History**. Chicago: University of Chicago Press, 2016.
- ACCONCI, Vito. **Public Space in a Private Time. Critical Inquiry**, Chicago, v.16, n.4, p.900-918, 1990.
- BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal**. 5. ed. Paris: M. Levig, 1876. Disponível em: <fleursdumal.org/poem/220>. Acesso em: out. 2016.
- CAPISTRANO, Tadeu. Prefácio. In: CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Tradução Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Tradução: Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- GILLES, Ivain. **Formulaire pour un Urbanisme Nouveau. Internationale Situationniste**, [s.l.], n.1, p.15-20, 1958.
- GOOGLE. Instant search tool. Disponível em: <www.google.com/intl/pt-BR\_ALL/insidesearch/features/instant/about.html>. Acesso em: out. 2016.
- IDEC — Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. **Mais da metade dos equipamentos eletrônicos é substituída devido à obsolescência programada**, 04 fev. 2014. Disponível em: <www.idec.org.br/o-idec/sala-de-imprensa/release/mais-da-metade-dos-equipamentos-eletronicos-e-substituida-devido-a-obsolescencia-programada>. Acesso em: out. 2016
- KOOLHAAS, Rem; OBRIST, Hans; ÅYR. **When Harry met Sally**. [Entrevista, 2016]. Disponível em: <bbv.berlinbiennale.

de/when-harry-met-sally/>. Acesso em: 10 nov. 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-RJ, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estratos do tempo**: estudos sobre história.

Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. Tradução de Norberto Luiz Guarinello. **Tempo Social**: revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v.17, n.2, p.35-57, nov. 2005.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. [1979] 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio 2004.

MARINHO, Cristiane M. **Pensamento pós-moderno e educação na crise estrutural do capital**. 2008. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**: revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v.26, n.2, p.209-229, 2014.

SMITH, Adam. **Riqueza das nações**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

VIRILIO, Paul. Nomades et Vagabonds, "Véhiculaire". In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p.36.

---

## **SOBRE A AUTORA**

Arquiteta e urbanista graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2017. Atualmente cursando especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pela mesma instituição.  
stephanie.cmarq@gmail.com